

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS  
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

ANDRÉ D'ARISBO

**TRADICIONAL-POPULISMO: A UNIÃO DAS FORÇAS QUE LEVARAM A DIREITA  
POPULISTA AO PODER NO OCIDENTE**

Porto Alegre

2022

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS

ANDRÉ D'ARISBO

**TRADICIONAL-POPULISMO:**

A UNIÃO DAS FORÇAS QUE LEVARAM A DIREITA POPULISTA AO PODER NO  
OCIDENTE

Porto Alegre

2022

ANDRÉ D'ARISBO

**TRADICIONAL-POPULISMO:**

A UNIÃO DAS FORÇAS QUE LEVARAM A DIREITA POPULISTA AO PODER NO  
OCIDENTE

Trabalho de conclusão de curso como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas pela Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg

PORTO ALEGRE

2022

ANDRÉ D'ARISBO

**TRADICIONAL-POPULISMO:**

A UNIÃO DAS FORÇAS QUE LEVARAM A DIREITA POPULISTA AO PODER NO  
OCIDENTE

Trabalho de conclusão de curso como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas pela Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr.

---

Prof. Dr.

---

Prof. Dr.

PORTO ALEGRE

2022

Dedico essa monografia aos meus pais.  
Por todo amor, suporte e oportunidades  
que me deram. Mas principalmente por  
me darem o bem mais valioso: o saber  
pensar.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Jacques Wainberg, pela orientação e por todo conhecimento transmitido durante suas aulas e nossas conversas.

Aos outros professores e professoras da Famecos, de Jornalismo e Relações Públicas, que fizeram profunda diferença na minha vida expandindo meus olhares científicos, de mercado e sociais.

Ao meu irmão Marcelo, por todas as discussões profundas que travamos todos os dias.

Aos meus amigos Felipe Sachs e Gabriel Seger, que extraem leveza e risadas do meu ser.

## RESUMO

Esta monografia se encontra no tema da comunicação política. Versa sobre ideologias políticas que basearam a sociedade ocidental, como os conceitos de Maquiavel, Hobbes, John Locke, Montesquieu, Edmund Burke. Após definir esses conceitos, o trabalho tem enfoque na direita populista que alcançou o poder nas Américas e na Europa de forma constante a partir da década de 2010. Essa monografia tem como questões: quem são as forças do movimento de direita contemporâneo; qual a ideologia que melhor preenche o campo das ideias da nova direita; e como esse movimento se expandiu no ocidente. Essas questões geraram os objetivos de compreender as forças do movimento, definir as ideologias para encaixar a nova direita, e estudar as pessoas que operaram para que esses líderes chegassem ao poder. Os autores Eatwell e Goodwin (2020) foram buscados para definir o nacional-populismo, suas peculiaridades, suas diferenças com outras faces do populismo e de modelos totalitários. Em Teitelbaum (2021), foi procurado um estudo sobre o Tradicionalismo, ideologia do século 20 que tem na contemporaneidade representação em personagens como Steve Bannon, Aleksandr Dugin e Olavo de Carvalho. Esse trabalho contempla as trajetórias desses personagens e como a ideologia Tradicionalista influenciou a chegada de populistas de direita ao poder em seus países e outros fenômenos políticos contemporâneos.

Palavras-chave: Tradicionalismo; Populismo; Nacionalismo.

## **ABSTRACT**

This monograph is on the topic of political communication. It verses about political ideologies that founded the western society, such as the concepts of Maquiavel, Hobbes, John Locke, Montesquieu and Edmund Burke. After defining those concepts, the work focus on the right populism that came to power in the Americas and Europe steadily since the 2010's. This monograph has the following questions: Who are the forces of the contemporary right movement; Which ideology that better fills the imaginary field of the new right; and how this movement expanded itself in the western world. These questions created the following objectives: to comprehend the forces of this movement; to define the ideologies to fit the new right; to study the people who worked so that these leaders came to power. Eatwell and Goodwin(2020) were researched to help define national-populism, its characteristics, its differences with other variations of populism and totalitarian models. Teitelbaum (2021) was researched as a study of Traditionalism, an ideology of the 20th century which has nowadays seen representation in characters such as Steve Bannon, Aleksandr Dugin and Olavo de Carvalho. This paper includes the trajectories of these characters and how the Traditionalistic ideology influenced the rise of right-wing populists to power in their countries and other contemporary political phenomenons.

Key words: Traditionalism; Populism; Nationalism.



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA POLÍTICA OCIDENTAL	11
2.1 LIBERALISMO	11
2.2 ILUMINISMO	12
2.3 DEMOCRACIA LIBERAL	12
2.4 CONSERVADORISMO	14
3. NACIONAL-POPULISMO	16
3.1 OS QUATRO D'S	16
3.2 MITOS	18
3.3 NARRATIVAS	21
3.4 FACES DO POPULISMO	21
3.4.1 POPULISMO À DIREITA E À ESQUERDA	23
3.4.2 POPULISMO E FASCISMO	24
3.4.3 FUNDAMENTOS IDEOLÓGICOS DO POPULISMO	24
3.4.4 FUNDAMENTOS IDEOLÓGICOS DO FASCISMO	27
3.4.5 A EXTREMA DIREITA DO SÉCULO XXI	28
4. TRADICIONALISMO	30
4.1 RENÉ GUÉNON	30
4.2 JULIUS EVOLA	31
4.3 FRITHJOF SCHUON	31
4.4 ARKTOS	33
4.5 ALEKSANDR DUGIN	34
4.6 STEVE BANNON	39
4.6.1 ALT RIGHT	44
4.6.2 A QUEDA DE BANNON	45
4.7 OLAVO DE CARVALHO	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53

## 1. INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como assunto principal a comunicação política, tendo como objeto central a direita nacionalista/populista que cresceu no ocidente chegando a cargos de chefia de estado na última década. Como questões de pesquisa, surgiram: Quais as forças por trás do movimento de direita? Onde se encaixa ideologicamente (conservadorismo, fascismo, tradicionalismo...)? Como foi o trabalho de expansão desse pensamento pelo ocidente? Essas questões geraram os objetivos de compreender quais são as forças do movimento, entender as principais ideologias do ocidente para posicionar a nova direita. Analisar agentes centrais da expansão do pensamento da direita alternativa e conhecer suas trajetórias no objetivo de espalhar a ideologia pelo mundo ocidental. Para realizar esses objetivos, foi usada pesquisa bibliográfica. Teitelbaum (2021) para compreender o novo Tradicionalismo, protagonizado por Steve Bannon, Aleksandr Dugin e Olavo de Carvalho, figuras importantes nos governos de Donald Trump, Vladimir Putin e Jair Bolsonaro, respectivamente. Eatwell e Goodwin (2020), para estudar o nacional-populismo e o porquê da população ter aderido a esses movimentos para chefiar seus países. Maquiavel (2018), Hobbes (2014), Merquior (2014), Burke (2014), Locke (2020) para compreender a ciência política, o liberalismo, conservadorismo, iluminismo, conceitos que populistas-nacionalistas e Tradicionalistas se opõem.

A monografia está dividida em 5 capítulos, sendo, o final, o de considerações finais. No capítulo 2, Fundamentos da ciência política ocidental. Passamos pelas ideias absolutistas de Maquiavel e Hobbes, o conceito de contrato social, definimos liberalismo, iluminismo, conservadorismo, que têm suas ideias contestadas pelos líderes nacional-populistas e pelos Tradicionalistas. No capítulo 3, estudamos o fenômeno do nacional-populismo, as razões pelas quais o eleitor abraçou essas ideias, além de comparações com o fascismo, rótulo atribuído aos nacional-populistas por opositores desse movimento. No capítulo 4 analisamos o Tradicionalismo, começando por pensadores Tradicionais

clássicos como René Guénon, Julius Evola e Fritjof Schuon até chegar no Tradicionalismo contemporâneo com Aleksandr Dugin, Steve Bannon e Olavo de Carvalho, analisando a trajetória desses personagens, formação intelectual e contribuições para a chegada da nova direita ao poder.

## **2. FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA POLÍTICA OCIDENTAL**

Para que possamos compreender o regime em vigor no mundo ocidental contemporâneo, precisamos conhecer a história da teoria política moderna. A obra mais referenciada como marco do início dos estudos de teoria política é “O Príncipe”, de Nicolau Maquiavel (1532). No livro, o autor argumenta sobre como um príncipe deve agir, como governante do seu povo e na guerra, sempre com uso do medo como instrumento de poder (MAQUIAVEL, 1532). Outra obra relevante é “O Leviatã”, de Thomas Hobbes (1651). Aqui, somos apresentados ao conceito de contrato social, que em tese é um acordo entre o povo e o governante, não escrito, mas compreendido pela sociedade. Hobbes era um absolutista, e acreditava que o povo, em acordo com o rei, deveria abrir mão de sua liberdade de ir e vir, de expressão e religião. Em troca, o povo recebe segurança e prosperidade garantidas pelo governo absolutista do rei (HOBBS, 1651).

### **2.1 LIBERALISMO**

A ideia de contrato social é uma das bases para o liberalismo. Hobbes (1651), mesmo sendo absolutista, fez sucessores proto liberais, que mantiveram o conceito de contrato social, mas o aplicaram de outra forma, abandonando, por princípio, o absolutismo (MERQUIOR, 1991). O liberalismo surgiu com os princípios de lei e propriedade privada. O indivíduo teria direitos de posse. Isso seria garantido pelos monarcas, guardiões da lei. O autor, por trás da teoria, é John Locke (1689), que acreditava que a liberdade era um bem natural, e a monarquia, um poder necessário para proteger esse bem (MERQUIOR, 1991). Montesquieu (1748) ampliou os conceitos de Locke (1689), trazendo a proposição da divisão dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), além de uma carta que organizasse as leis que regessem a sociedade: a constituição. Outro autor fundamental para a compreensão da corrente liberal é Adam Smith (1776), com a proposição do liberalismo econômico. O autor acreditava que o governo não deveria se envolver na economia, deixando esse papel ao mercado. O liberalismo, como teoria política, nem sempre esteve presente em sociedades que priorizavam o liberalismo econômico (SMITH, 1776). Na contemporaneidade, há sociedades em que vigora o liberalismo econômico sem outras garantias fundamentais

para os liberais clássicos. O Chile de Pinochet, uma sociedade em que o mercado era “livre”, mas com direitos civis suprimidos. Singapura, todo ano, marca posição entre os países de economia mais livre, mas tem déficit em garantias democráticas (FREEDOMHOUSE, 2021).

## **2.2 ILUMINISMO**

Também conhecido como século das luzes, foi um movimento filosófico da Europa, durante o século XVIII. Tinha a razão como tema central, ideais como liberdade, progresso, governo constitucional e rompimento com a igreja como parte do Estado. Decartes, Francis Bacon, John Locke e Montesquieu foram alguns dos nomes que influenciaram o Iluminismo, enquanto Voltaire, Diderot, Rosseau, Adam Smith e Kant foram figuras centrais do movimento. O Iluminismo serviu como uma das bases nas quais a sociedade ocidental se estabeleceria, com a vindoura democracia liberal.

## **2.3 DEMOCRACIA LIBERAL**

Locke (1689) e Montesquieu (1748) viveram em um contexto de monarquia. Assim, sempre viram o liberalismo como dependente dos monarcas. Essa visão mudou na formação dos Estados Unidos como nação. Ao querer fundar uma república ancorada nos princípios do liberalismo, George Washington, Thomas Jefferson e os outros pais fundadores dos EUA definiram que todos os cargos da nação seriam eletivos, com instituições liberais robustas, abraçando o liberalismo econômico (MERQUIOR, 1991).

No final do século 19, um debate sobre a sociedade liberal tomava conta da Inglaterra. O individualismo e o laissez-faire não serviam mais à ordem social vigente, pois não estavam satisfazendo às necessidades da população (HOBHOUSE, 1911). Intelectuais da época, como Thomas Hill Green e Hobhouse foram os pioneiros do liberalismo social, que mantém os princípios forjados por Locke (1689) e Montesquieu (1748), porém reconhecendo o governo como bem-vindo na participação econômica, para

garantir direitos básicos e inclusão social (HOBHOUSE, 1911). Isso revoltou liberais-conservadores que acreditavam no laissez-faire como único modelo econômico-social possível e próspero. Partidos políticos social-liberais começaram a se formar nos países do ocidente. Na Alemanha, foi denominado liberalismo de esquerda; nos Estados Unidos, de liberalismo moderno. Essa forma atualizada de ordem política, social e econômica entrou em vigor nos Estados Unidos durante a crise de 1929, quando o presidente Franklin D. Roosevelt apresentou o “New Deal”, uma política econômica que reconhecia o papel do Estado como participativo na redução das desigualdades, gerador de empregos e na recuperação econômica, sendo o modelo econômico seguido até o governo de Jimmy Carter, em que crises econômicas causaram descrença no modelo do liberalismo moderno (MANKIW, 2016).

No final da década de 1970 e no começo da década de 1980, duas eleições foram fundamentais para a queda do liberalismo social. Ronald Reagan, nos EUA, e Margaret Thatcher, no Reino Unido, colocaram o ocidente na ordem neoliberal. Com ideias inspiradas na economia da ditadura de Augusto Pinochet (THE CONVERSATION) e fundamentados nas teorias do conservador Francis Fukuyama e do liberal Milton Friedman, o neoliberalismo foi o resgate às ideias do laissez-faire, voltando com que o Estado tivesse pouca ou nenhuma participação na economia. A partir desse período, tornou-se comum os governos diminuírem seu tamanho, privatizações em massa, desregular o mercado, pouca interferência nas relações entre patrão e empregado (METCALF, 2017).

Após a onda neoliberal, surgiram governos sócio-liberais nos EUA e no Reino Unido, mantendo em parte as políticas deixadas por Reagan, Bush e Thatcher. Bill Clinton e Tony Blair, com o liberalismo de olhar mais social (ROMANO, 2006). Desde então há uma disputa clara de duas visões de mundo nos EUA, o Partido Republicano, conservador, que busca manter o liberalismo clássico e econômico dos pais fundadores. E o Partido Democrata, que tem a visão do liberalismo moderno. No Reino Unido, o Partido Conservador tem visão semelhante à do Partido Republicano dos EUA, enquanto o Partido Trabalhista tem visões sócio-liberais que se misturam com o trabalhismo e a social-democracia. Scruton ([2014]) explica a visão contemporânea:

A palavra “liberal” mudou muitas vezes de significado. É atualmente utilizada nos Estados Unidos para designar aqueles que seriam descritos como “de esquerda” em termos europeus — pessoas que acreditam que o Estado deve usar seus poderes e recursos para igualar os destinos dos cidadãos, e que aceitam um maior papel do Estado na economia e na regulação da vida comum, mais do que seria naturalmente endossado pelos conservadores.

Na década de 1990, a democracia liberal ganhou ainda mais força, ampliando o número de países que adotaram os princípios democráticos e de economia de mercado, com a queda de regimes autoritários, à esquerda e à direita. Fukuyama (1992, p. 69) comenta:

Tanto na Esquerda comunista quanto na Direita autoritária houve uma falência total de ideias sérias capazes de manter a coesão política interna de governos fortes, baseados em partidos “monolíticos”, juntas militares ou em ditaduras personalistas. A ausência de autoridade legítima significou a falta de um princípio mais alto para o qual o governo autoritário pudesse apelar em caso de fracasso em qualquer área da sua política. Alguns comparam a legitimidade a uma espécie de reserva de dinheiro. Todos os governos, democráticos e autoritários, têm seus altos e baixos, mas somente os governos legítimos possuem essa reserva para ser utilizada nos tempos de crise.

Fukuyama, em sua obra “O fim da história e o último homem” (1992), destacou que a evolução da humanidade, como sociedade, tinha chegado ao fim, e que a democracia liberal era o ápice de organização social humana, pois a queda do totalitarismo e dos regimes comunistas consagrou a “vitória” da democracia liberal sobre os outros regimes.

## **2.4 CONSERVADORISMO**

Não há como discorrer acerca do conservadorismo sem comentar sobre Edmund Burke, considerado, a partir do século XX, como pai do conservadorismo moderno. Burke foi um político britânico do partido Whig, de tendências liberais. De fato, Burke foi grande

apoiador de causas liberais, como a independência dos Estados Unidos, redução do poder dos monarcas britânicos, as leis e a constituição. O que causou sua orientação conservadora pela história, foi a defesa de princípios como o gradualismo, o pragmatismo e a preservação. Em sua obra mais famosa, *Reflexões Sobre a Revolução na França* (1790), faz duras críticas à revolução francesa, que caracteriza como um ato de brutalidade e pensa que o que foi feito não poderia levar a uma sociedade próspera, pois não conservou suas raízes. Burke não acreditava em destruir para construir, mas sim reformar, continuar, progredir. O conservadorismo burkeano nunca foi sobre manter as coisas como estão, mas construir uma sociedade obedecendo princípios como conservação e transmissão. Burke também defendia o contrato social dos princípios liberais, mas também forjou o seu próprio, de que a sociedade é um acordo entre as pessoas que já morreram, os vivos, e os que ainda nascerão (BURKE, 1790).



### **3. NACIONAL-POPULISMO**

Na última década, o mundo testemunhou a ascensão de líderes de direita populista. Donald Trump, nos Estados Unidos em 2016; Jair Bolsonaro, no Brasil, em 2018; Viktor Orbán, em 2010, na Hungria; Andrzej Duda, em 2017, na Polônia, entre outros, além da votação do Brexit, no Reino Unido. Esses movimentos captaram sentimentos coletivos como insatisfação, raiva, falta de representatividade em seus países. Na Europa e nos EUA, inflou-se muito o sentimento de anti-imigração. No Brasil, a corrupção, a crise econômica foram situações particulares, mas também havia uma revolta contra uma elite política que governava o país há tempo demais no olhar do povo.

#### **3.1 OS QUATRO D'S**

As revoltas contra a democracia-liberal no ocidente, por parte da população, estão ancoradas em tendências mais antigas, que, por sua vez, estão presentes no sistema e profundamente enraizadas, causaram grande preocupação entre a população ocidental, Eatwell denominou essas preocupações como os quatro D's: distrust, destruction, deprivation, dealignment. Em português, desconfiança, destruição, privação e desalinhamento.

**Desconfiança:** A maneira como a natureza elitista da democracia liberal promoveu a desconfiança dos políticos e das instituições. Alimentando a sensação de um grande número de cidadãos: de que não possuem mais voz na política. A democracia liberal sempre buscou minimizar a participação das massas. Mas, em anos recentes, a distância cada vez maior entre os políticos e os cidadãos comuns levou a uma crescente desconfiança, não somente dos partidos convencionais, mas também de instituições como o Congresso Americano e a União Europeia. Jamais houve uma era dourada na qual os sistemas políticos representaram todos os membros da sociedade e, nos últimos anos, passos importantes foram dados para assegurar que grupos historicamente marginalizados, como mulheres e minorias étnicas, tivessem mais voz nas legislaturas. Mas, ao mesmo tempo, muitos sistemas políticos se tornaram menos representativos de

grupos-chave, levando muitos a concluir que não possuem voz, conduzindo à virada para o nacional-populismo (Eatwell, GOODWIN 2020)

**Destruição:** A imigração e a super mudança étnica estão contribuindo para os medos sobre a possível destruição das sociedades, da identidade nacional e dos costumes estabelecidos de vida na comunidade. Esses medos estão na crença de que políticos culturalmente liberais/progressistas, organizações transnacionais e finanças globais estão destruindo a nação ao encorajar a imigração em massa e que as agendas "politicamente corretas" buscam silenciar qualquer oposição. Essas preocupações nem sempre são fundamentadas na realidade, como refletido pelo fato de que se manifestam não somente em democracias que experimentaram rápidas e profundas mudanças étnicas, como o Reino Unido, mas também naquelas que possuem níveis muito mais baixos de imigração, como a Hungria e a Polônia. Mesmo assim, elas são potentes e o serão ainda mais conforme as mudanças étnicas e culturais continuem a varrer o Ocidente nos anos posteriores. (EATWELL, GOODWIN, 2020).

**Privação:** A maneira como a economia globalizada neoliberal atizou a forte sensação da privação relativa, como resultado das crescentes desigualdades econômicas e sociais no Ocidente e da falta de esperança no futuro. Embora muitas pessoas que não apoiam o nacional-populismo tenham emprego e rendas médias ou acima da média (mesmo que seus empregos sejam inseguros), a transformação econômica do Ocidente alimentou uma forte sensação de privação "relativa". A crença, entre certos grupos, de que estão perdendo em relação aos outros. Isso significa que temem pelo futuro e pelo que vem à frente para si e para seus filhos. Essa profunda sensação de perda está relacionada à maneira como pensam sobre questões como imigração, identidade e confiança nos políticos (EATWELL, GOODWIN, 2020).

Hoje, há milhões de eleitores convencidos de que o passado era melhor que o presente e, por mais sombrio que seja, o presente ainda é melhor que o futuro. Eles não fazem parte dos brancos desempregados ou dos beneficiários dos programas de bem-estar social. Se o nacional-populismo dependesse do apoio dos desempregados, lidar com ele seria mais fácil: bastaria criar empregos, especialmente empregos com salários decentes, que oferecessem segurança no longo prazo. Mas a maioria das pessoas nessa

categoria não está no degrau mais baixo. No entanto, partilham da crença de que a conjuntura atual não funciona para elas e que os outros estão sendo priorizados (EATWELL, GOODWIN, 2020).

Desalinhamento: Os líderes nacional-populistas se alimentam dessa profunda insatisfação, mas seu caminho até o poder também foi aberto por uma quarta tendência: os elos cada vez mais fracos entre os partidos estabelecidos e as pessoas. A era clássica da democracia liberal foi caracterizada por uma política relativamente estável, partidos convencionais fortes e eleitores leais. Muitas pessoas já não estão fortemente alinhadas ao mainstream. Os políticos ocidentais são muito mais voláteis, fragmentários e imprevisíveis. Mais do que em qualquer outro momento da história da democracia em sociedades de massa. A política hoje parece mais caótica e menos previsível do que no passado porque de fato é (EATWELL, GOODWIN, 2020).

### **3.2 MITOS**

Existe um pensamento de que o apoio ao nacional-populismo, na Europa e nos EUA, vem inteiramente de homens brancos e velhos. É confortável para os opositores pensar que não precisam se engajar nas causas dos populistas, por acharem que seus eleitores morrerão logo. O Brexit teve maior apoio entre aposentados do que em jovens entre 18-24 anos (65% dos aposentados acharam a decisão correta de deixar a UE, enquanto 68% dos jovens acharam errada). O problema da oposição é a percepção de ritmo quanto à escala da mudança geracional. Enquanto os jovens tendem a ser menos racistas, também são receptivos à narrativa nacional-populista. Trump teve voto de 41% de jovens brancos, esses eleitores estavam preocupados com a “vulnerabilidade branca”: a percepção de que brancos estão perdendo espaço na sociedade, um pensamento ligado ao ressentimento contra outros grupos raciais. Alguns americanos se sentem ansiosos com a crescente diversidade cultural e racial na mídia, política e no entretenimento. São a geração mais diversa, embora nem todos estejam confortáveis com isso (EATWELL, GOODWIN, 2020).

A realidade é que os nacional-populistas construíram uma ampla aliança com diferentes grupos da sociedade. Novamente, o erro da oposição em culpar apenas um

grupo pela chegada dos populistas ao poder, quando, na verdade, uma coalizão de grupos-chave foi atraída pela narrativa, embora tenha em seu núcleo trabalhadores brancos. Eventos como a eleição de Trump e o Brexit aconteceram porque eleitores que tinham estilos de vida diferentes estavam unidos por preocupações e valores compartilhados. Todavia, Trump ocupou um partido grande dos EUA, enquanto Le Pen, Farage sempre foram de partidos pequenos, dos quais são donos. Portanto, a base eleitoral de Trump é a do Partido Republicano, que venceu várias eleições presidenciais. O Brexit também foi atípico para padrões nacional-populistas. Em 25 anos, foi a maior adesão em uma eleição nacional, e não era uma eleição normal, com outros cargos em disputa, mas um referendo binário, com comparecimento de 72% dos eleitores. Os partidos tradicionais do Reino Unido sempre tiveram seus nichos de desconfiança quanto à UE. O Partido Conservador por vezes via o bloco como ameaça à soberania nacional, enquanto o Partido Trabalhista via a integração do continente como ameaça aos direitos trabalhistas, além da visão da UE como um veículo para os capitalistas de livre mercado defender os interesses estadunidenses (EATWELL, GOODWIN, 2020).

A tendência em ver eleitores de políticos nacional-populistas como homogêneos é errônea. Trump não atraiu somente brancos empobrecidos pela globalização. Muitos dos apoiadores não estavam no degrau mais baixo da escada econômica dos EUA, a mensagem ressoou em mais públicos. Um deles foi o grupo dos conservadores fiscais e morais, republicanos de classe média leais ao partido, moderadamente instruídos, interessados em política e que apoiaram Trump já nas primárias republicanas. Outro grupo é o dos partidários de livre mercado, os defensores do Estado mínimo e que tinham repulsa por Hillary Clinton. O grupo era composto majoritariamente por pessoas de meia-idade, de renda elevada e casa própria. Juntos, esses grupos formam mais da metade do eleitorado de Trump. Sem os republicanos moderados, o candidato jamais venceria (EATWELL, GOODWIN, 2020).

Outro mito que os opositoristas adotaram foi sobre o grau de instrução. Não é acurado retratar apoiadores de populistas de direita como ignorantes e/ou incultos. Mais uma inverdade, pois a maior parte dos apoiadores tem ensino médio completo e uma

parcela significativa possui ensino superior. 25% dos apoiadores do Brexit possuíam ensino superior, enquanto 33% dos apoiadores de Trump, nas primárias, também possuíam diploma. No Brasil, Jair Bolsonaro foi forte entre eleitores com nível superior e renda alta. Hillary Clinton poderia ter aprendido com o Brexit, que havia um eleitorado suscetível ao populismo. O apoio ao Brexit, entre pessoas sem instrução, chegou a 74%. O nacional-populismo, usando a métrica de grau de instrução, atinge em sua maior parte pessoas com ensino médio completo. É importante comparar o grau de instrução porque ele, frequentemente, molda a forma como vemos o mundo. Universitários tendem a ter uma visão de mundo mais liberal, tolerante, que valoriza as liberdades individuais, no entanto, aqueles que não frequentaram universidades, tendem a uma visão socialmente conservadora. Em prol da estabilidade, da lei e da ordem, e sobre o coletivo ter mais poder que o indivíduo (EATWELL, GOODWIN, 2020).

Existe também a crença da oposição de que as pessoas não são favoráveis a Trump, Bolsonaro e Le Pen, mas sim, contra o status quo da política. Essa crença nada mais é que a negação da oposição de que as pessoas podem realmente querer menos imigração, fronteiras mais fortes e menos benefícios do Estado para imigrantes. O problema é que, quando 80% dos eleitores de Trump apoiavam a construção de seu muro, e 75% dos eleitores britânicos mostravam preocupação em como a imigração estava mudando o país, é difícil acreditar que eles foram enganados. A insatisfação contra o establishment realmente existe, porém seria negacionismo desprezar a base de apoio real dessas ideias. O que nos leva a outro problema. Os liberais, social-democratas, opositores de Trump e do Brexit, dialogam com seus eleitorados falando sobre emprego e renda, porém não é isso que motiva o voto do eleitor que foi atraído para os nacional-populistas, o voto não está no autointeresse econômico, e sim nos quatro D's. A desconfiança das elites políticas e econômicas e a crença que a população já não possui voz. Alegações emergiram que após Trump e o Brexit a democracia perderia força. A população, de certa forma, quer mais democracia, quer ter sua voz ouvida. A privação relativa, americanos e britânicos acreditavam que estavam sendo deixados para trás em seus países em prol de

outros grupos. E que os políticos e a mídia davam mais atenção aos imigrantes do que aos locais (EATWELL, GOODWIN, 2020).

### **3.3 NARRATIVAS**

A narrativa nacional-populista não foca nos detalhes políticos, mas sim, nas alegações sobre o declínio e a destruição nacional, fenômeno a que ligam, não apenas à imigração e à diversidade étnica, mas também ao que veem como incompatibilidade cultural com outras religiões e com refugiados de países não ocidentais. Miram também na classe política que conspira com as elites para manter o lucro antes das pessoas, criando fluxos de trabalhadores com pouca ou nenhuma qualificação para satisfazer o sistema econômico neoliberal e trair a nação. Na Europa, nos movimentos mais extremos, essas conspirações são ligadas a judeus. Viktor Orbán se refere aos refugiados como “força muçulmana de invasão”. Le Pen afirma que “toda a França se tornará uma gigantesca zona proibida”. Strache diz que, caso a política de “islamização” não acabe, a Europa chegará a um fim abrupto. Wilders diz que a Europa deixará de existir se o crescimento do islã não for impedido. Salvini afirma que séculos de história da Europa estão em risco de extinção se a islamização continuar sendo subestimada e obtiver o controle do sistema (EATWELL, GOODWIN, 2020).

### **3.4 FACES DO POPULISMO**

O populismo de direita contemporâneo é relacionado rotineiramente como o grupo dos nacionalistas radicais, a um passo do fascismo. A imagem de Marine Le Pen já foi montada a uma suástica por opositores. A ascensão de Wilders e de seu Partido da Liberdade foi associada ao retorno do fascismo, na Holanda. Jair Bolsonaro foi constantemente chamado de fascista por seus opositores, embora o caso do Brasil possua particularidades como um forte apoio militar e presença do grupo no governo. Trump foi visto como bruto, machista e sem respeito pela cultura democrática, produzindo a fraqueza

e incompetência nacionais. O fascismo teria chegado ao poder nos EUA, não pelos militares, mas com um bilionário que se alimenta dos ressentimentos e inseguranças populares. Trump foi criticado por suas atitudes indiferentes às regras democráticas, quando, em 2019, pediu informações sobre o filho de seu adversário Joe Biden ao presidente da Ucrânia, o que resultou em um processo de impeachment contra Trump, que não foi para frente (EATWELL, GOODWIN, 2020).

Quando se iguala populismo e fascismo, tipicamente se foca mais na forma que no conteúdo. Uma das críticas ao populismo é que o mesmo não seria uma ideologia, e sim, um jeito de fazer política, uma maneira de competir pelo poder. Principalmente em tempos de crise, com exageros retóricos, os populistas são frequentemente acusados de não terem plano de governo, apenas discursos contra imigrantes e outros inimigos fabricados, focando na face discursiva, menosprezando as ideias e valores que os unem. O populismo é visto como um movimento definido por um líder carismático e/ou demagogo que afirma falar em nome do povo. Costumam usar linguagem comum, por vezes grosseira, para demonstrar sua afinidade com as massas, com pessoas “reais”. Eles buscam criar laços com as pessoas e reforçar seus status de “outsiders” através de termos como “nós contra eles” ou “bom versus mau” (EATWELL, GOODWIN, 2020).

Outra crítica feita aos populistas é o uso de teorias de conspiração. Trump lutava contra os “inimigos” que chamava de “pântano de Washington”, que incluía o “Estado profundo”. Uma rede de burocratas e interesses associados que conspiram nos bastidores para minar as ações de Trump, o que seria, fundamentalmente, negar as ideias do povo. Aliados de Trump veem isso como uma ameaça que assombra todo o ocidente, chamada “Marxismo cultural”, uma aliança inspirada por Antonio Gramsci, que busca disseminar valores liberais, globalizadores e socialistas através da mídia, das universidades, da arte e de outras instituições. Nigel Farage tinha como inimigas as “elites globais”, as quais teriam falhado em ouvir as pessoas antes do referendo do Brexit e após a falha estariam tentando anular a vontade do povo. Aliados de Farage mencionam o mesmo “Estado Profundo” de Trump, argumentando que funcionários públicos representando o “Establishment” buscam amenizar e reverter o Brexit e que as universidades estariam

transformando os alunos em autômatos a favor da União Europeia. Viktor Orbán argumenta que políticos liberais da UE, juntamente com o investidor George Soros, estão em um complô para encher a Hungria e a Europa “cristã” de imigrantes refugiados muçulmanos, o que é visto como uma tentativa de dismantelar as nações ocidentais, e com isso, seus valores. Criando uma sociedade capitalista sem fronteiras. (EATWELL, GOODWIN, 2020).

### **3.4.1 POPULISMO À DIREITA E À ESQUERDA**

Muitas faces do populismo, como as teorias de conspiração, têm fundos de verdade. George Soros é um grande investidor, e muito da sua verba vai para organizações da sociedade civil que tendem a ser pró-União Europeia e anti-Brexit. Uma parte significativa das verbas acabou em campanha anti-Brexit e na publicação de previsões econômicas dúbias sobre a saída do Reino Unido da UE, e que não apareceram no curto prazo, como fora previsto. Outra face é o foco total no estilo populista, o que leva à ignorância sobre a extensão em que eles estão unidos por valores fundamentais. O populismo passou a ser visto como ideologia por um número crescente de acadêmicos, embora seja deficiente de uma gama de políticas, especialmente na esfera econômica. Isso significa que o populismo pode assumir formas de esquerda e de direita. Não populistas também podem assumir características dessa retórica. Boris Johnson, por exemplo, se referiu a “governo do povo” e “gabinete do povo” após sua vitória nas eleições gerais em 2019. Tanto populistas à esquerda, quanto à direita, prometem dar voz às pessoas comuns e restringir as elites poderosas que ameaçam os interesses do povo. Enquanto a esquerda normalmente foca em desigualdades sócio-econômicas limitantes, à direita, focam em limitar a imigração e preservar a identidade nacional. Há também os políticos e movimentos nos quais é difícil colocar um rótulo. Por exemplo, populistas de direita também apresentam preocupações relacionadas às desigualdades econômicas, mais comum no quanto elas afetam os cidadãos brancos. É um ponto ignorado pelos opositores, que focam na exclusão de imigrantes como objetivo único dos populistas de direita, invés de incluir o que veem como pessoas negligenciadas e sem voz (EATWELL, GOODWIN, 2020).



### **3.4.2 POPULISMO E FASCISMO**

O fascismo também é visto por muitos como estilo, e não ideologia. O foco são os líderes autoritários e racistas, paramilitarismo e comícios coreografados. O termo “fascismo” passa muitas vezes a mensagem de que os simpatizantes da ideia são intoleráveis. Para os populistas, quem os chama de "fascistas", está trabalhando em prol de uma agenda “politicamente correta”, que visa censurar o debate sobre temas como imigração, islã e elites (EATWELL, GOODWIN, 2020). Eatwell e Goodwin (2020, p74) não veem líderes como Trump, Bolsonaro, Le Pen, Wilders ou Orbán... como fascistas:

Defendemos que eles são nacional-populistas que representam uma tradição de pensamento distinta no Ocidente. E achamos que esse corpo de pensamento precisa ser levado a sério. O nacional-populismo é uma ideologia que prioriza a cultura e os interesses da nação e promete dar voz a pessoas que sentem que foram negligenciadas e mesmo desdenhadas por elites distantes e frequentemente corruptas.

O populismo não é objetivamente antidemocrático. É uma resposta às contradições no interior da democracia liberal, que promete um governo de redenção para o povo em teoria. Mas na prática é cada vez mais sobre elites pragmáticas e tecnocratas cujos valores são fundamentalmente diferentes de muitos que governam. A visão pragmática considera a democracia liberal um sistema elitista de instituições e regras para lidar pacificamente com possíveis conflitos e com os problemas da sociedade, enquanto a visão redentora, vê a democracia como salvação, através de formas mais diretas, identificando o povo como fonte de autoridade única e legítima. Enquanto houver democracia liberal, haverá populismo (EATWELL, GOODWIN, 2020).

### **3.4.3 FUNDAMENTOS IDEOLÓGICOS DO POPULISMO**

A maioria dos historiadores traça a origem dos populistas até o século XIX. Os Narodniks russos são considerados os primordiais por alguns. Eram proselitistas

instruídos que tinham como objetivo chegar ao povo do interior. Faziam campanha pela libertação do povo do regime czarista. Celebravam a vida simples do campo e valores autênticos. Não fizeram sucesso entre os camponeses. Muitos deles se voltaram ao socialismo revolucionário, posteriormente. A ascensão do populismo se relaciona com a disseminação da democracia liberal, como sistema de governo/sociedade ocidental no século XIX. Período de crescente alfabetização, expansão da democracia via sufrágio, voto secreto. As novas formas de comunicação inovavam a política. Termos como “povo” e “soberania popular” ganhavam força e poder, desafiando as elites que detinham o poder político e econômico.

O populismo tem o costume de ter inimigos variados e deliberadamente vagos. Em países como os EUA, incluíam partidos dominantes no poder político e uma classe econômica capitalista, que possuía riqueza e distante das preocupações das pessoas comuns. Essas elites eram retratadas como pequenas, interconectadas, poderosas e dominantes nas decisões políticas. A mídia hegemônica também foi posteriormente incluída como elite, assim como universitários e especialistas, vistos como formadores de opinião pública e membros de grupos conspiracionistas. Nem todas as elites são inimigas dos populistas, apenas as que são vistas como contrárias aos interesses do povo (EATWELL, GOODWIN, 2020).

Nos EUA, o famoso Partido do Povo, em 1892, proclamava devolver o governo às mãos das pessoas comuns. Um dos fundamentos do populismo é a vontade popular, a promessa de reformar a democracia, de modo que a voz do povo seja ouvida e obedecida. O Partido do Povo apresentou propostas para colocar as pessoas comuns no centro de decisão, propondo eleição direta para o presidente (acabando com o colégio eleitoral dos EUA) e para o senado, uso regular de referendos e voto secreto. O Partido tinha uma ala educacional forte e queria especialistas governando, expulsando as elites corruptas. O candidato do Partido do Povo venceu em apenas 4 estados na eleição de 1892. Em 1896, o Partido resolveu apoiar o candidato democrata, Jennis Bryan, derrotado por William Mckinley que, por sua vez, iniciou a tendência de governar com especialistas, criando uma barreira para o Partido do Povo. Outra dificuldade, foi tanto o Partido Democrata, quanto

o Republicano, cooptando e adaptando ideias do projeto do Partido do Povo, como a guerra contra o corporativismo e o personalismo, algo que aflige partidos populistas até na contemporaneidade. É comum candidatos de centro-direita usarem um “nacional-populismo leve”, para desarmar adversários (EATWELL, GOODWIN, 2020).

Os populistas prometem defender as pessoas simples e comuns, sempre retratando as elites distantes como inimigas, mas também tendo outros alvos, como os imigrantes. Um dos mais importantes nacional-populistas da Europa é Jean-Marie Le Pen, pai de Marine Le Pen, que afirmava dizer aquilo que todos pensam. Na Áustria, Jörg Haider dizia ser odiado porque estava do lado do povo. Haider e Le Pen têm características consonantes com o Partido do Povo que, muitas vezes, identificava as pessoas com o interior, uma cultura autêntica e trabalhadora. A plataforma Omaha do Partido do Povo afirmava que os interesses dos trabalhadores rurais e urbanos eram os mesmos. O partido tinha em suas bases trabalhadores industriais e do campo. O objetivo do Partido do Povo era um equilíbrio social em favor do trabalhador, e não um passado idealizado rural que se opunha à industrialização (EATWELL, GOODWIN, 2020).

Populistas prometem substituir as elites corruptas e distantes do interesse do povo, embora sua agenda seja moral, e não um chamado físico às armas. O alvo favorito do Partido do Povo era a nova elite plutocrática. Mary Lease, uma das líderes do partido, afirmava que, por trás da fachada democrática, o governo americano era de Wall Street, por Wall Street, para Wall Street. Já na época, os populistas possuíam ojeriza dos banqueiros que, por sua vez, se recusaram a socorrer fazendeiros durante a longa depressão de 1870. Outro alvo eram as ferrovias, que cobravam um preço alto para pequenos produtores, consideradas transporte orientado para o lucro, cujos proprietários viviam em mansões. O Partido afirmava que o Estado deveria ter controle de monopólios, buscava conversão do dólar à prata e ao ouro, para permitir que mais dinheiro fosse impresso e assim reflacionar a economia, queria também imposto de renda gradual. Apesar disso, não eram socialistas, queriam o empreendedorismo privado e a livre iniciativa. Mas queriam a presença do estado para estabelecer regras justas e niveladas para produtores independentes (EATWELL, GOODWIN, 2020).

### 3.4.4 FUNDAMENTOS IDEOLÓGICOS DO FASCISMO

A ideologia fascista toma forma após os eventos traumáticos da primeira guerramundial. Benito Mussolini fundou o autoproclamado movimento fascista em 1919. O conceito “fasci”, significando “união” e seu símbolo, o antigo fasces romano (machadopreso a varas que simbolizava unidade e autoridade). O Partido Nacional-Socialista da Alemanha de Adolf Hitler é visto também como um movimento fascista, ainda quenão usasse o termo. A Cruz Flechada na Hungria; a Falange, na Espanha; e a Guardade Ferro, na Romênia, eram outros movimentos “fascistas” que possuíam suas próprias características, acentuando raízes nacionalistas extremas. A questão é o querealmente torna todos esses movimentos fascistas, qual o cerne do fascismo? (EATWELL, GOODWIN, 2020).

“Os fascistas prometem forjar uma comunidade espiritual que exige total lealdade e devoção a seus interesses” (EATWELL, GOODWIN, 2020, p83). Há diversas variantes de nacionalismo. “Nacionalismo civil” liberal é compatível com democracia. O “nacionalismo holístico” vai na direção de uma fundação fechada e pura etnicamente. Também inclui políticas autoritárias como uma posição forte sobre lei e ordem, estabilidade e sobreposição do grupo, que em tese defendem os interesses da nação. Essa abordagem atraiu diferentes pessoas, de classes sociais diversas, que compartilhavam uma sociedade altamente dividida e que, após as tragédias da primeira guerra, tinham uma frágil tradição democrática (EATWELL, GOODWIN, 2020).

“Os fascistas prometem criar um novo homem comunal e espiritual sob a direção de novos líderes dinâmicos” (EATWELL, GOODWIN, 2020, p85). Mussolini via a sociedade dividida pelas elites, conservadoras ou liberais, incapazes de unir Itália. Na construção de uma nova sociedade, os fascistas criaram movimentos de massa, mas não acreditavam que o governo fosse lugar para pessoas comuns. Somente uma vanguarda, que servisse a um grande líder, seria capaz de reconstruir o país com a criação de uma nova ordem social. Hitler, por sua vez, acreditava que a nação precisava de um líder

decidido para passar para o povo e implementar a grande ideia alternativa às divisões e ao materialismo marxista. Em sua trajetória, Hitler se proclamou Führer, uma figura messiânica. Enviada pelo destino para reunir e reconstruir a Alemanha. O pensamento fascista tinha como foco a decadência da sociedade de dentro para fora e a culpa era do individualismo materialista. O novo homem era caracterizado por Mussolini como “político, econômico, guerreiro, religioso, santo” (EATWELL, GOODWIN, 2020).

“O fascismo promete criar uma autoritária terceira via socioeconômica, liderada pelo Estado, entre o capitalismo e o socialismo” (EATWELL, GOODWIN, 2020, p86). O fascismo tinha o desejo de criar uma ordem social que unisse as pessoas e o desenvolvimento econômico, evitando crises geradas em economias capitalistas. Os nazistas tinham em suas bases as indústrias, empreendedores e grandes negócios. Ao mesmo tempo, o Estado nazista prezava para que todos trabalhassem pelo interesse nacional, pleno emprego, bem-estar social e estabelecimento de benefícios aos trabalhadores. Na esfera internacional, o fascismo rejeitava o livre-mercado global. A busca era por uma economia autossuficiente em um sistema geopolítico de autarquia (EATWELL, GOODWIN, 2020).

### **3.4.5 A EXTREMA DIREITA DO SÉCULO XXI**

Baseado nos fundamentos ideológicos, Trump, Le Pen, Salvini não convergem tanto com o fascismo, mas têm grandes características populistas. Não defendem a concentração do poder nas mãos do líder. Os líderes nacional-populistas vêm com projetos de dar mais poder ao povo (cidadãos oriundos do país, excluindo imigrantes). Ainda assim, não sendo fascista, como rotular esse grupo político? Convencionou-se chamá-los de extrema-direita, uma vez que veem ameaças à nação na imigração e na mudança étnica. Mas a amplitude do termo impede a clareza do agrupamento. A extrema-direita inclui fascistas que querem destruir a democracia e os que jogam o jogo democrático. Existe o debate de separar a nova direita em “direita radical” e

“direita extremista”. Nessa divisão, os extremistas seriam os que rejeitam a democracia e não toleram a diferença. A direita extremista englobaria terroristas com Anders Breivik, que assassinou 77 pessoas do Partido dos Trabalhadores norueguês, na ilha de Utoya, em 22 de julho de 2011. O objetivo descrito por Breivik era parar a islamização da Noruega e lutar contra a influência do “marxismo cultural”. Enquanto a direita radical criticaria o modelo atual da democracia liberal, sem querer destruí-la e defendendo o diálogo com o povo (EATWELL, GOODWIN, 2020).

## **4. TRADICIONALISMO**

A escola Tradicionalista, ou escola perene, é um grupo de pensadores dos séculos XX e XXI, que acreditam na existência da sabedoria e filosofia eternas, verdades metafísicas primordiais e universais cuja fonte são as maiores religiões do mundo. Aqui analisaremos aquele que é considerado o pai da escola perene, René Guénon e Julius Evola, que é um Tradicionalista com diferenças cruciais dos fundadores da escola (ROSE, 2021), cuja influência atingiu outros objetos desse estudo, como Steve Bannon e Aleksandr Dugin.

De acordo com os Tradicionalistas, a verdade universal foi perdida no mundo moderno, com o advento das filosofias seculares que tiveram como fonte o Iluminismo, e o próprio modernismo é visto como uma anomalia. O Tradicionalismo vê como impossível atingir seu caminho esotérico sem ser filiado a uma das religiões primordiais, e vê como crime não sentir uma nostalgia pelo passado quando se vive na modernidade (SCHUON, 2009).

### **4.1 RENÉ GUÉNON**

Guénon nasceu em Blois, França, em 1886. Teve formação católica. Em 1905, abandonou a educação institucional e foi para as correntes francesas do ocultismo, se integrando a sociedades secretas. Em 1920, começou a publicar obras com críticas aos ocultistas, caracterizando-os “espiritualidade falsificada”. E desde então, já se opunha à modernidade europeia. Posteriormente, seu interesse se direcionou às religiões Tradicionais. Segundo ele, estas remetiam à religião primordial. A obra de Guénon é o contraste entre o mundo tradicional e a modernidade. Para Guénon, o mundo é uma manifestação de princípios metafísicos, que são preservados em ensinamentos perenes das religiões do mundo, que foram perdidos na modernidade (SALVI, 2020).

Guénon teve sua tese de doutorado rejeitada e deixou a universidade em 1923, enquanto isso foi atraído pelo Sufismo (vertente do islã que tem como objetivo contemplar Deus e praticar o esoterismo) e foi iniciado na ordem de Shadhili (escola de pensamento sufi). Seus primeiros livros e ensaios visavam a restauração da intelectualidade Tradicionalista no ocidente nas bases do catolicismo romano e da maçonaria. Também foi atraído para a espiritualidade e para o neo-ocultismo. Mudou-se para o Egito em 1930 onde viveu até sua morte em 1951 (SALVI, 2020).

#### **4.2 JULIUS EVOLA**

Influenciado por Guénon, mas com diferenças cruciais, as ideias de Evola transitam entre o Cristianismo, Budismo e a Modernidade. Evola promoveu, em sua obra, a mitologia de uma antiga era dourada que gradualmente entrou em declínio em uma modernidade decadente. A obra de Evola se aproxima da orientação espiritual Tradicionalista de Guénon, e também das preocupações políticas da direita europeia de seu tempo. Evola escreveu sobre fascismo em 1925, chamando o movimento de revolução risível, baseado em sentimentos vazios e objetivos materialistas. Evola via com otimismo a visão anti-burguesia de Mussolini e seu objetivo de fazer do cidadão italiano um guerreiro, mas era contra o populismo, a política partidária e elementos que descreveu como esquerdistas no regime fascista. Para Evola, o partido de Mussolini não possuía bases espirituais e culturais sólidas (MEREELLI, 2017).

#### **4.3 FRITHJOF SCHUON**

Outro dos Tradicionalistas do século XX, Schuon era fiel ao princípio de que o universo emana de uma entidade absoluta, Deus. E que as revelações divinas mostram uma única verdade. Schuon, já na infância, mostrava interesse pelo espiritualismo. Ficou amigo de Titus Burckhardt que, posteriormente, tornar-se-ia tradutor e divulgador do sufismo. Aos 14 foi batizado como católico. Leu a bíblia, o Alcorão, os clássicos do hindu. Na jornada de literatura, acabou cruzando com os escritos de René Guénon (FORD, 2022).



De origens suíças e alsacianas, Schuon se via como herdeiro de René Guénon. Na década de 30, tornou-se um seguidor obcecado do teórico do Tradicionalismo. Schuon teve contato direto com Guénon, que o convenceu a trilhar o caminho do Sufismo Islâmico, embora tivesse mais interesses pelo hinduísmo. Na trilha do caminho, foi iniciado em uma ordem na Argélia, onde foi declarado um líder (shaykh), com base em uma visão, e não na escolha de um ancião. Fundou uma Tariqa em Basel e iniciou outras pessoas. Em 1980, transferiu sua Tariqa para Indiana, época na qual já colecionava seguidores na América, Europa e até no Oriente Médio. Nessa altura, Schuon já era referência como um líder Tradicionalista, disposto a guiar seguidores na compreensão profunda do tema. Enquanto Guénon afundou em paranoia e conflitos com antigos seguidores até sua morte, em 1951, Evola se resguardou em seu apartamento com radicais e desdenhado por Tradicionalistas. Schuon estava conduzindo a jornada espiritual por conta própria, mas promovendo modificações à sua vontade (TEITELBAUM, 2021).

As alterações de Schuon não foram na intenção de moderar a doutrina. Schuon tinha crença no sistema de castas indo-europeias, e que deveriam se basear em qualidades “naturais” e não “institucionais”, ou baseadas em relações. Como Evola, tinha teoria racial aliada à sua Tradição. Schuon via a miscigenação como um produto do caos da modernidade. Para ele, a raça “branca” (abrangendo Índia, Europa, Oriente Médio) não deveria se misturar com outras. Por outro lado, era mais aberto ao universalismo que seu guru, Guénon, que, por sua vez, acreditava que a religião tradicional havia se perdido. E quem quisesse buscar a espiritualidade deveria se contentar com uma única forma religiosa exotérica, na esperança de descobrir vestígios do que existiu um dia. Esse caminho era uma derrota para Schuon, que não admitia que, uma vez que o passado foi unificado e o presente foi dividido em crenças, para obter uma migalha de religião original, estar devotado somente a ela. Schuon, embora atrelado ao sufismo, foi gradualmente se aproximando de outras crenças. Schuon se encontrava acima da necessidade de se limitar a uma fé. Podendo abraçar todas concomitantemente. Schuon de certa forma rejeitava o ciclo do tempo Tradicionalista, acreditando que poderia reconstruir a religião no aqui e agora

(TEITELBAUM, 2021).

#### **4.4 ARKTOS**

A Arktos é uma editora com sede em Budapeste, Hungria. É focada em autores Tradicionalistas e da nova direita. A obra de Aleksandr Dugin foi traduzida para o inglês pela Arktos, por exemplo. Foi fundada por John Morgan e Daniel Friberg.

John Morgan teve contato com a obra de Evola através do livro "Revolta contra o mundo moderno" (um dos poucos disponíveis em inglês até então) lido por seus amigos. O texto evoliano foi ao encontro das crenças dos rapazes. Evola contestava tudo que eles ouviram até agora sobre nacionalismo branco, a obra de Evola passava a mensagem de que as desgraças do mundo não eram culpa de não brancos e judeus. A modernidade era a causa da desgraça, e tinha o multiculturalismo e a imigração como subprodutos. A fuga dessa realidade poderia ser encontrada na Tradição, rejeitando o progresso e a igualdade e com uma hierarquia que colocasse os arianos no topo (TEITELBAUM, 2021).

O hinduísmo era a espiritualidade ariana que buscavam, e pretendiam alcançá-la por meio do Hare Krishna, por meio do Vaishnavismo Gaudiya. Nesse movimento, encontraram o que buscavam. Pessoas disciplinadas e ordeiras graças ao compromisso com os verdadeiros valores arianos. John Morgan começou seu caminho para o ashram em Michigan, quando descobriu interesse em espiritualidades alternativas, uma realidade extramaterial profunda, atingida por drogas alucinógenas (Evola usou o mesmo caminho). Encantado pela literatura Tradicionalista e desiludido com a realidade global, passou a procurar uma religião Tradicionalista para praticar. Em Detroit descobriu o sufismo islâmico (TEITELBAUM, 2021).

Em 2006, foi aberta uma editora, na Europa, com objetivo de traduzir obras de Guénon e Evola para o inglês. Um mercado inexplorado, sem concorrência. Foi batizada como Integral Tradition Publishing (Editora da Tradição Integral). John

Morgan foi contratado como editor. Dois anos depois, foi convidado para morar na Índia e juntar-se aos fundadores da editora, em um ashram Hare Krishna. O custo de vida de John Morgan ficou muito mais baixo e, com a tecnologia de publicação sob demanda, o sucesso era iminente, enquanto nos EUA a crise chegava forte no fim do governo de George W. Bush (TEITELBAUM, 2021).

John Morgan foi para a Índia e adotou os costumes do ashram Hare Krishna. Chegou ao ponto em que deveria escolher se tornar um chefe de família ou seguir o caminho rabínico, porém, por este, não poderia mais trabalhar, em nenhum tipo de emprego, teria que deixar a editora que, por sua vez, ia muito bem. As operações de varejo consistiam em produtos não oriundos da editora. O maior sucesso era um catálogo de CD's do gênero neo-folk, popular entre Tradicionalistas. Também estavam publicando obras de Evola que discorriam sobre a teoria racial, sempre com o objetivo de encontrar simpatizantes na América e na Europa. Os negócios se expandiram até chegar ao sueco Daniel Friberg, pertencente a grupos skinheads e supremacistas brancos na Suécia. Friberg enfrentara fisicamente grupos antifascistas em confrontos de rua. Friberg achava o nacionalismo branco superficial e buscava alternativas intelectuais para suas crenças. Possuía uma agência de publicações e traduções especializada em língua sueca, livros, revistas, blogs, enciclopédias online e música, a Nordic League (Liga Nórdica). Posteriormente, houve uma fusão entre a editora e a agência, e assim nasceu a Arktos, continuando a produção sob demanda e operando com economias de baixo custo. Logo se tornaram os maiores disseminadores de ideias Tradicionalistas em língua inglesa no mundo. E assim expandiram de Guénon e Evola para Tradicionalistas contemporâneos, como Aleksandr Dugin, maior sucesso comercial e intelectual da Arktos (TEITELBAUM, 2021).

#### **4.5 ALEKSANDR DUGIN**

A trajetória político-ideológica de Aleksandr Dugin começa no ano de 1980, em que o futuro ideólogo de Vladimir Putin se junta a uma sociedade alternativa chamada

Círculo Yuzhinski. O grupo era composto somente por homens. As pautas eram ideias rejeitadas pela sociedade e pelos intelectuais da época. O grupo se interessava por fascismo, nazismo, nacionalismo, ocultismo e misticismo. Regados a muita bebida alcoólica usada para abrir a mente, seus membros eram antissoviéticos e simpatizantes do nazismo. Segundo Dugin, “o partido comunista possuía todos nós, a mente, o espírito, a emoção, o corpo. Controlava tudo, exceto uma coisa, a parte mais íntima” (TEITELBAUM, 2021).

Durante os anos 80, o Círculo Yuzhinski se incrementou. Seus rituais acrescentaram experimentação sexual aos hábitos já consagrados de alquimia, drogas e sessões espíritas. O culto ao nazismo também foi crescendo, o líder do grupo passou a se denominar Führer e os participantes passaram a vestir uniformes do Terceiro Reich (TEITELBAUM, 2021). Um dos líderes, Vladimir Stepanov, seguidor de Gurdjieff e Guénon, apresentou essas referências e o aprimoramento da consciência humana, busca que não podia ser controlada pelo partido comunista, ao jovem Aleksandr Dugin, de 18 anos (TEITELBAUM, 2021).

Em 1983, Dugin foi preso pela KGB, acusado de atividades antigovernamentais. Outros membros do Círculo Yuzhinski foram presos. Foram condenados a empregos de camadas inferiores da sociedade. Dugin, trabalhando como varredor de ruas, continuou seus estudos. Dugin descobriu, na biblioteca estadual V.I. Lênin, a obra de Julius Evola, que tinha tudo que fascinava Dugin, misticismo, ocultismo e fascismo. Dugin aprendeu italiano apenas para traduzir a obra de Evola. Dugin estava certo de que as obras de Evola e Guénon iriam contribuir para tirar a Rússia do turbulento momento em que vivia (TEITELBAUM, 2021).

Em 1990, com o declínio da URSS, Dugin passou a ter aspirações políticas. Escrevia para o jornal Arktogetya, no qual promovia uma fusão entre o Tradicionalismo de Guénon e Evola, e o nacionalismo russo cristão. Dugin defendia que a igreja ortodoxa russa era legítima herdeira do grego bizantino, onde o reino da terra e dos céus se fundiram. Além disso, promoveu a ideia de Evola em que defende-se que os

líderes dos estados devem pertencer a uma elite espiritual. Dugin consolidaria mais tarde que a Rússia deveria ter um líder espiritual (TEITELBAUM, 2021).

Com o colapso da URSS, em 1991, e a vitória da democracia liberal, da economia de mercado e do capitalismo contra o modelo socialista de economia planificada, parecia que o mundo seria cada vez mais parecido com o modelo ocidental. Porém, Dugin não concordava com essa expansão. Quanto mais contato Dugin tinha com o ocidente, mais sentia saudade do sistema soviético, que tanto criticou e fez oposição no círculo Yuzhinski. Em 1993, Dugin fundou o partido Nacional-Bolchevique, nome dado em homenagem ao Nazismo e ao Comunismo, que Dugin via como regimes oposicionistas aos Estados Unidos. Seu partido não alcançou a expansão desejada, mas Dugin não desistiu de penetrar na política russa. Seus antigos contatos do Círculo Yuzhinski conseguiram conectar Dugin a líderes militares russos, e assim começou sua influência. Dugin passou de grupos ocultos para escritor. Publicou um livro em 1997 chamado “Fundamentos de Geopolítica”, no qual traçou um plano para fortalecer a Rússia internacionalmente ao mesmo tempo em que enfraquece os Estados Unidos e seus aliados na Europa (TEITELBAUM, 2021).

Dugin acredita que a Rússia deve retomar territórios e ficar a nível do que era a União Soviética, porém não crê que o imperialismo russo se assemelhe ao americano. Dugin afirma que o objetivo dos EUA é homogeneizar o mundo através da expansão cultural e política. Já a Rússia sempre foi uma Federação, com domínio político e grande território, sem interferir na cultura e costumes dos outros povos. Dugin afirmou que a marcha dos EUA precisava ser neutralizada em prol da diversidade cultural e espiritual global. Em sua obra “Fundamentos da Geopolítica”, traçou planos a ponto de deixar viável essa estratégia. Encorajou os russos a introduzir desordem nas atividades internas americanas relacionadas à geopolítica: incentivar separatismo, conflitos étnicos, sociais, raciais, movimentos dissidentes, grupos extremistas, racistas e sectários para desestabilizar a política americana. O livro de Dugin foi lido por líderes militares da Rússia envolvidos na reestruturação política após a queda da URSS (TEITELBAUM, 2021).

Vladimir Putin se elegeu presidente da Rússia em 2000, e a influência de Dugin sob o governo aumentava. Conseguiu que aliados recebessem altos cargos no governo, tinha oportunidades de ter conversas particulares com Putin e seus livros chegaram à elite militar e política do país. A mídia também dava cada vez mais atenção ao pensador. Em 2001, já era citado pela imprensa como especialista em geopolítica e que contribuía nas decisões do presidente. Em 2002, Dugin fundou o Partido Eurasiano, partido pró-governo, com o objetivo de manter sua influência por vias não usuais. Na época de sua fundação, o Kremlin já propunha diretrizes de política externa usando conceitos de Dugin, como o caminho para uma “ordem mundial multipolar”. Putin já repetia expressões de Dugin em seus discursos e entrevistas; elas passavam a denominar a Rússia de Eurasiana, chamando as ações da Geórgia, na região da Ossétia, de genocidas, e se referindo ao leste ucraniano como “Nova Rússia” (TEITELBAUM, 2021).

Dugin começou a participar de várias missões diplomáticas. Irã, Chechênia, Cazaquistão, Síria e com partidos europeus nacional-populistas. Dugin conseguiu captar recursos privados e também era ajudado financeiramente pelo governo russo. Em 2004, foi enviado à Turquia para convencer o país a se afastar dos aliados da Otan e se aproximar da Rússia. Dugin chegou a reeditar um de seus livros para convencer os turcos, narrando a visão de uma Eurásia mais aberta ao mundo turco. Porém, o Partido Eurasiano de Dugin era um fracasso eleitoral. Já fora da Rússia, o movimento eurasiático ganhava força e simpatizantes da Rússia na Europa, Ásia e Oriente Médio. Intelectuais, paramilitares e políticos emergiram em locais-chave de conflito levando a visão eurasiática. Em 2008, no conflito entre a Geórgia e os separatistas da Ossétia do Sul, Dugin viu uma oportunidade de recolocar a Rússia como um membro forte da comunidade internacional, após a desmoralização na guerra fria. Dugin defendia, não somente a retirada dos georgianos da região da Ossétia, mas a tomada da capital do país, Tbilissi. Dugin acreditava que, assim, a Rússia passaria a ser respeitada e ouvida novamente na comunidade internacional. Contra a ordem liberal global unipolar. Dugin conseguiu que sua frase em um discurso contra a Geórgia se tornasse um símbolo da ação da Rússia contra o país, “tanques para Tbilissi”. E foi o que aconteceu, após recuperar a Ossétia, a Rússia foi atrás da

Geórgia. O então presidente dos EUA George W. Bush chamou de inaceitável a ação da Rússia, mas não interveio (TEITELBAUM, 2021).

Em 24 de junho de 2016, Dugin apareceu na TV Tsargrad (canal inspirado na Fox News que Dugin ajudou a fundar, com objetivo de dar voz a cristãos ortodoxos “conservadores”). Dugin declarou que o ciclo da União Europeia acabara, o Reino Unido votara pela saída da UE. Dugin afirmou que o Brexit é o colapso do Ocidente, o início da morte lenta do sistema de poder global comandado pelos EUA, dependente da UE. Uma vitória da humanidade que se opõe ao Ocidente e busca seguir seu próprio caminho. A Grã-Bretanha iniciara um movimento de desintegração do mundo e o nascimento da multipolaridade. Enquanto o Brexit foi apoiado indiretamente pelo Kremlin e por Dugin, na Itália a influência foi mais direta. Redes de nacional-populistas e Tradicionalistas seguidores de Evola identificavam Dugin como uma inspiração ideológica, o que gerou simpatia por suas ideias, pela Rússia e pelo Eurasianismo. Crescendo com o sentimento anti-liberal ascendente na Itália. A influência de Dugin era difícil de mensurar, facilmente exagerada ou minimizada. Sua obra e suas palestras foram assimiladas por ativistas europeus, tornando os nacional-populistas e Tradicionalistas mais aceitos no continente e mais receptivos à Rússia. (TEITELBAUM, 2021).

Dugin conseguiu chegar ao cargo de professor de relações internacionais na Universidade Estatal de Moscou, em 2008. Lá, fundou o Centro de Estudos Conservadores, focado em etnossociologia, processos geopolíticos e estudos religiosos, tudo com base na obra de René Guénon. Em 2012, quando o Kremlin passou a apoiar Dugin publicamente, Putin queria construir uma marca ideológica definitiva como conservador, antiocidental e antiliberal. A inserção de Dugin no debate público, apoiado pelo governo, ia ao encontro dos desejos de Putin. Dugin seguia em reuniões com a cúpula do governo turco e era um dos principais convidados da mídia iraniana. Conseguiu injetar textos focados em geopolítica fanática pela reformulação da ordem global no sistema educacional russo. O liberalismo, para Dugin, não era o progressismo visto nos EUA pelo Partido Democrata ou economia de mercado e governo limitado, como na UE. Para Dugin, liberalismo era o terreno que reunia

esquerda e direita ocidentais: um camponês, um manifestante dos direitos dos imigrantes, um banqueiro e um indivíduo. O próprio Individualismo, e Dugin despreza isso. O liberalismo promovia o indivíduo, o comunismo se concentrava na classe trabalhadora e o fascismo priorizava raça e o estado militar. Dugin almejava que a sociedade deveria se voltar à comunidade espiritual e cultural, preservar valores que diferenciam uma sociedade de outras, dando sentido ao mundo de sua maneira e significados próprios de um modo particular de ser (TEITELBAUM, 2021).

Com a eleição de Petro Poroshenko como presidente da Ucrânia, em 2014, sendo este um liberal, pró-ocidente e contra a anexação da Crimeia pela Rússia, foi uma derrota para o projeto de Dugin. A partir disso, Dugin começou a formular uma estratégia para estimular uma intervenção militar russa na Ucrânia. O leste ucraniano já se identificava como russo, e Dugin aproveitou esse sentimento. Se ele fosse capaz de fazer com que essa região se levantasse contra o governo pró-ocidente, seria uma vitória da identidade contra a burocracia do estado, a favor da Tradição e contra a modernidade. Dugin passou a arrecadar fundos e destinar às milícias separatistas do leste, e também à propaganda. Também deu entrevistas à mídia separatista, convocou os espectadores a matar aqueles que fossem leais a Kiev, no leste ucraniano, ou “Nova Rússia”, como passou a denominar a região. Esses atos geraram revolta contra Dugin, que foi demitido da Universidade Estatal de Moscou. Dugin queria que Putin tivesse salvado seu emprego, mas seguiu como embaixador no cenário mundial. Ganhou uma vaga na Universidade Fudan, em Xangai. Lá, ministrava sobre as glórias da Rússia e China, as vantagens de um mundo multipolar, do eurasianismo, e da direção de enfraquecer os Estados Unidos (TEITELBAUM, 2021).

#### **4.6 STEVE BANNON**

Steve Bannon buscou pela espiritualidade desde os tempos em que serviu na Marinha dos EUA. Teve contato com Budismo, Hinduísmo, até um dia cruzar com um livro de René Guénon em uma livraria, durante uma viagem com as forças armadas.



Mais tarde, foi apresentado a Evola e a Gurdjieff, pelo seu professor Jacob Needleman, na Universidade de São Francisco. Alguns anos depois, conheceu a obra de Dugin, através da Arktos. Na época, já se considerava um Tradicionalista e tinha grande desprezo pela ocidentalidade, individualismo e globalização:

Os Tradicionalistas argumentam que, na idade sombria, o volúvel desejo material está destinado a sobrepor-se a tudo que é imaterial. Em parte, isso ocorre porque não há meios de defesa. Se a sociedade se recusa a reconhecer o domínio do imaterial - um domínio de ideias e decréncias invisíveis - há pouca esperança de que as iniciativas políticas o priorizem. E, uma vez que os princípios que transcendem o tempo e a fisicalidade podem ordenar nossas vidas, sua dissolução anuncia um período de confusão e ilegalidade, seja pelo colapso de castas, que o hinduísmo considera ser a grande marca da Kali Yuga, seja pela quebra de laços de parentescos e de limites entre humanos e animais selvagens predita nos poemas da mitologia nórdica. A única imaterialidade valorizada pelo modernismo é a falta de limite, traduzida em ideais que são considerados válidos em todos os lugares e por todo o mundo. Consistem em: Individualismo, igualdade, democracia, liberdade - todos na base de América que Steve Bannon tanto despreza. (TEITELBAUM, 2021, p176).

Em 2012, Bannon se tornou diretor da Breitbart News e a expandiu. Em 2014, procurava promover o nacionalismo europeu. Conseguiu o apoio de 20 milhões de dólares dos bilionários Robert e Rebekah Mercer. Entrou em contato com a S.C.L (Laboratórios de Comunicação Estratégica), uma empresa britânica de mineração de dados e ciências comportamentais, e fundou a subsidiária Cambridge Analytica. Bannon uniu essas forças com o Ukip, partido nacionalista britânico, que queria a separação do Reino Unido da UE. Cambridge Analytica desenvolveu técnicas para coletar uma quantidade impressionante de dados sobre centenas de milhares de pessoas, e o alvo de Bannon era o povo dos EUA. O Facebook e os dados do censo eram as bases para obter informações sobre a situação financeira dos eleitores, tendências políticas e gostos culturais. Com essas informações, poderiam classificar perfis de eleitores e testar métodos para encorajar ou desencorajar pessoas a

participar das eleições, direcionando propaganda específica para determinado indivíduo, com manipulação por meio de enquetes enviesadas (TEITELBAUM, 2021).

O ativismo político populista e nacionalista, apoiado pela Cambridge Analytica, era uma forma aprimorada e inovadora da metapolítica. A estratégia é fazer campanha por meio da cultura, da arte, do entretenimento, do intelectualismo, da religião e da educação. Nesses meios que valores são formados, quem altera a cultura de uma sociedade terá uma oportunidade política de vitória. A metapolítica exercia o apelo de que a luta não era contra um partido político ou uma milícia, mas contra o consenso. O sentimento característico da idade sombria em que vivemos, o entendimento sustentado pela maioria de que políticas que envolvam tradicionalismo, populismo, nacionalismo não devem ser consideradas no debate público. Para lidar com isso, a metapolítica busca injetar suas mensagens em canais culturais ou criar canais alternativos próprios para competir com a ideologia dominante. A primeira tenta cultivar solidariedade política entre a população em geral, com ênfase na mensagem. A segunda propõe a criação de uma sociedade paralela, grande e radical o suficiente para lutar pelo poder, e não era necessário ler os Tradicionalistas ou outros autores de direita para chegar nisso. Breitbart já dizia que a política se move com a cultura (TEITELBAUM, 2021).

Bannon adotava as duas formas de metapolítica. A Cambridge Analytica tentava se infiltrar no Facebook, Twitter e outras redes, inserindo mensagens dissidentes no fluxo dos usuários. Ao mesmo tempo, o objetivo era tirar os usuários das garras da ideologia dominante e expô-los às mensagens feitas com base na coleta de dados e avaliação do comportamento feitas pela Cambridge Analytica, inspiradas pela Breitbart News. Essas mensagens frequentemente deslegitimariam as fontes de informação tradicionais e radicalizariam o apoio a uma causa política. A metapolítica não é fácil de se quantificar, porém Steve Bannon teria a chance de testar suas estratégias em uma contagem de votos. Em 2015, a Cambridge Analytica foi contratada pela Leave.EU., durante o processo que levaria ao Brexit. Nigel Farage, porta-voz da Leave.EU, do UKIP e amigo de Bannon, estava interessado em analisar dados para o referendo do Brexit, assim como Bannon. O contrato foi assinado. A

organização Vote Leave, também se envolveu com a Cambridge Analytica, repassando-lhe dinheiro de forma ilegal. A empresa de Bannon procuraria atingir eleitores do Reino Unido com anúncios vistos 159 milhões de vezes durante os dias finais da campanha pelo Brexit. Tudo isso foi possível porque Bannon abriu um escritório da empresa no Reino Unido, expandindo sua participação na Europa, sempre disparando comentários anti-União Europeia. Bannon criou propaganda e pesquisas ao mesmo tempo, com uma ferramenta tecnológica para direcionar mensagens a um público selecionado. Nigel Farage descreveu o apoio de Bannon como a chave da vitória do Brexit. Bannon seguiu seu objetivo de desintegrar a Europa inovando na forma, criando meios de comunicação, métodos de publicidade e vigilância para atacar a UE (TEILTEBAUM, 2021).

Por exercer um cargo executivo na Breitbart News, no dia 7 de agosto de 2016, Bannon tornou-se diretor da coordenação da campanha do então candidato do Partido Republicano, Donald Trump. A aliança entre o Tradicionalismo e o nacional-populismo estava posta. Michigan foi o estado escolhido para o último comício da campanha, um estado com uma população afro-americana expressiva e considerado um centro de trabalhadores sindicalizados, características que tendem à esquerda. No estado, Obama conseguira 57,33% dos votos em 2008 contra 40,89% para o republicano John McCain, e em 2012 Obama seguiu com 54,21% contra 44,71% de Mitt Romney. O último candidato republicano a vencer no Michigan fora George H.W. Bush, em 1988.

O que Steve Bannon observou é que as pessoas que compareciam a comícios eram os trabalhadores rurais do estado, muitos deles democratas, mas Bannon acreditava que eles seriam suscetíveis a mudar o voto, e acreditava que uma mudança pequena seria capaz de fazer uma grande diferença. O eleitor que representava a América pós-industrial, sem emprego, com problemas sociais crescendo, sem fábricas (TEITELBAUM, 2021). Os trabalhadores eram fundamentais para Bannon, não somente como estratégia política, mas também eram parte de seu Tradicionalismo, como afirma Teitelbaum (2021, p79):

Steve descreve a classe trabalhadora e o campesinato como a casta que define as características da sociedade. Esse é um desvio em relação ao pensamento de Evola, que argumentava que as massas materialistas eram a matéria-prima a ser moldada pelos criadores da cultura sacerdotal e guerreira do topo da hierarquia. Bannon, por outro lado, afirma que a classe trabalhadora é a fonte de autenticidade na inautêntica sociedade moderna, servindo não apenas como embaixadora do espírito de uma nação forjada há muito tempo, mas também como fonte de encarnações genuínas das quatro castas na hierarquia Tradicionalista. Abordando-os em ordem ascendente, os “escravos” e sua cultura estabelecem as condições para o crescimento econômico e o mercantilismo de sucesso.

Esse tipo de eleitor estava presente em condados de vários estados: Nova Iorque, Pensilvânia, Ohio, Wisconsin, Minnesota. Bannon foi capaz de sintetizar essa segmentação do eleitorado através da Cambridge Analytica, assim foi capaz de criar mensagens segmentadas para públicos específicos. Bannon não queria que o foco da campanha fossem estados consolidados como republicanos, mas sim o meio-oeste dos EUA, o “coração da velha esquerda” (TEITELBAUM, 2021).

Nas eleições presidenciais estadunidenses de 2016, Donald Trump foi eleito para suceder Obama no cargo. Steve Bannon foi bem-sucedido como diretor de campanha e passou a ser conselheiro-chefe do presidente, cuja função principal, no momento, era ajudar o presidente eleito a compor o novo governo. Betsy DeVos foi nomeada como secretária de educação. DeVos era a favor da redução do investimento em escolas públicas para colocar em prática um sistema de vouchers, no qual o governo compra vagas em escolas particulares para estudantes que não podem pagar. DeVos também era defensora do ensino religioso (cristão) e acreditava que a diminuição da educação pública permitiria uma diversificação da cultura e da espiritualidade aos alunos. Para DeVos, a igreja deveria ter um papel muito mais central na vida da comunidade. Para esse fim, influenciou que cristãos se infiltrassem em canais de corrente cultural dominante, ampliando e ocupando espaços, uma oportunidade para metapolítica (TEITELBAUM, 2021).

Para chefiar a Agência de Proteção Ambiental foi escolhido Scott Pruitt. Trump disse em campanha, que se livraria da Agência em quase todas as suas formas. Pruitt fora Procurador Geral no estado de Oklahoma e, no exercício do cargo, processou a

Agência 13 vezes. O objetivo de Pruitt era realizar parcerias com empresas privadas, alvos de regulação ambiental. As parcerias foram firmadas e os empresários ajudavam Pruitt com seus discursos públicos (TEITELBAUM, 2021).

Bannon acreditava que Trump representava uma desagregação, uma ação necessária para reconstruir a sociedade, a América grandiosa outra vez. Trump acreditava ser mais um construtor que um destruidor, e não gostou dos termos de Bannon, que falava em condenação, destruição e colapso. Bannon recuou, não via necessidade em fazer Trump ver o mundo como ele via, Bannon era intelectualmente um Tradicionalista. Trump, apenas um populista. O presidente era um homem de ação para Bannon, e homens de ação não precisavam ler livros, pensar sobre o ciclo do tempo como Evola, apenas agir. Bannon compartilhava o pensamento de Savitri Devi, sobre os ciclos do tempo, como aponta Teitelbaum (2021, p114):

De acordo com essa concepção Tradicionalista, conforme o tempo avança e a ordem social se desintegra, a violência e a destruição aumentam. Isso torna a violência um mal que vem para o bem. Assim como os incêndios na natureza anunciam um recrescimento, a agressão humana é necessária para abrir caminho à renovação social e espiritual. Tempo é violência. Ambos implicam dor e sofrimento, mas também promessa de salvação.

#### **4.6.1 ALT RIGHT**

Não há como falar da organização Alt Right sem passar por Jason Reza Jorjani. Filho de uma americana com ascendência escandinava e irlandesa, e de um pai iraniano exilado, a prioridade de Jorjani era colocar em prática sua visão de mundo, um misto de nacionalismo iraniano com um mundo ariano unificado, no qual sociedades com raízes espirituais indo-europeias sejam como uma só. Na unificação, assumem a liderança em uma nova ordem global. Budistas no Japão, hindus na Índia, Europa e seus satélites na América do Norte. E, por fim, os iranianos, fonte do zoroastrismo e de suas variações islâmicas xiitas, no centro civilizacional. Para Jorjani, esses são os grandes povos, civilizações superiores e mais bem posicionadas

para lidar com os desafios atuais da humanidade. Para iniciar a unificação global, Jason acreditava que uma revolução cultural e política no Irã seria necessária. Visando devolver ao país suas raízes e livrá-lo da submissão aos países islâmicos sunitas, assim o Irã poderia se unir com seus irmãos espirituais e arianos, incluindo os EUA. Em 2016, antes da eleição, publicou um livro em que defendia que o ocidente deveria se encontrar com suas raízes gregas pré-cristãs, só assim se encontraria com seu espírito interior libertando novas formas de saber e pensar. O livro foi publicado pela Arktos, onde Jason assumiria um cargo executivo posteriormente. O objetivo prático de Jorjani era chegar a Steve Bannon com seu livro e tentar promover uma mudança nas relações EUA X Irã. (TEITELBAUM, 2021).

Com influência da Arktos e investimentos de empresários simpatizantes, a Alt Right Corporation se tornou realidade em 16 de janeiro de 2017, com um site branco e azul. Todos os líderes tinham poderes iguais na administração. A cara da organização perante o público era Richard Spencer, que havia se tornado uma espécie de ícone do nacionalismo branco nos EUA. O termo Alt Right (direita alternativa) foi cunhado pelo professor e filósofo Paul Gottfried, que também publicava livros pela Arktos, o termo se tornou popular quando Bannon o usou em uma entrevista defendendo que a Breitbart News era o veículo da Alt Right. Hillary Clinton também usou o termo quando em um discurso em Reno, afirmou que Bannon e a Breitbart haviam tomado controle do partido republicano. O termo direita alternativa acabou englobando direitas diferentes, que tinham em comum uma repulsa por imigração, pelo conservadorismo republicano e tolerância com nacionalistas brancos. Posteriormente, a Arktos, Friberg, Jason, Spencer passaram a ser parte mais frequente de círculos nacionalistas brancos. Jason gostava da abrangência do termo Alt Right, e achava que Bannon concordaria com a amplitude (TEITELBAUM, 2021).

#### **4.6.2 A QUEDA DE BANNON**

As faíscas entre Steve Bannon e a família Trump tiveram origem na diferença de visão sobre intervencionismo. Jared Kushner e sua esposa Ivanka Trump (filha

do presidente) tinham inclinações pró-sistema. Jared fora do Partido Democrata a maior parte de sua vida. Não se opunha ao status quo, enquanto Bannon defendia uma diminuição drástica da intervenção militar dos EUA no mundo. Trump prometeu priorizar os trabalhadores em seu governo, e Bannon via que gastar dinheiro em guerras sem sentido contrariava o interesse dos eleitores de Trump, “America first”. A visão de Bannon de nacionalismo não era individualista. Todos os países têm direito a sua soberania e de resolver seus próprios problemas. Para Bannon, dar licença para um país intervir em outro era algo que o comunismo, islamismo radical, China, democracia liberal, direitos humanos e capitalismo global fariam, ideologias desvinculadas do contexto judaico-cristão. Ameaças à soberania das pessoas comuns em todos os lugares. Embora possam moldar o destino de uma nação, cidadãos não têm como controlar a vontade de grandes potências internacionais. Essa é a versão nacional-populista de Steve Bannon, que coincide com alguns de seus ideais Tradicionalistas (TEITELBAUM, 2021).

Os atentados na Síria, em 2018, colocaram em xeque as relações entre Bannon e Ivanka Trump. Dina Powell, conselheira de segurança nacional e aliada de Ivanka, liderou uma ação para persuadir Trump a revidar. Ivanka, Jared e Dina convenceram Trump com uma apresentação visual que mostrava fotos de crianças mortas por gás tóxico. Steve manteve sua posição de não intervir, não era o papel dos EUA em sua visão. Os esforços de Bannon não foram reconhecidos. Membros da Casa Branca, aliados de Ivanka e Jared, já contrariavam Steve Bannon por princípio. Jared já sentia repulsa das ideias de Bannon sobre a necessidade e inevitabilidade da destruição do mundo (TEITELBAUM, 2021).

Steve Bannon estava com fragilidades no governo. Além do fracasso na política da Síria, teve nomeações contestadas na Casa Branca e o ressentimento crescente de Trump por notícias identificando Bannon como arquiteto de sua vitória eleitoral e força por trás do governo, e não ele próprio. A rivalidade de Bannon com Jared foi tão exposta que virou esquete no programa “Saturday Night Live”. Enquanto Bannon lidava com as crises, Daniel Friberg, Richard Spencer e Henrik Palmgren, três líderes da Alt Right, se juntavam à manifestação “Unite the Right” em Charlottesville, Virgínia,

em 12 de agosto de 2017. O protesto tinha como objetivo contestar a remoção da estátua do General Lee, dos Estados Confederados da Guerra de Secessão, e para isso, queria reunir todos os simpatizantes da direita alternativa. Entre os manifestantes, havia militantes do nacionalismo branco, neonazistas e membros da Ku Klux Klan. A manifestação terminou em violência e teve repercussão mundial. Trump fez um discurso moderado, culpando os dois lados pela violência que se seguiu à manifestação, e declarou ser contra a remoção da estátua, o que deixou Bannon satisfeito. Porém, a repercussão das palavras de Trump em igualar os dois lados nessa manifestação foi ruim, e Bannon foi quem aconselhou Trump a como reagir no caso de Charlottesville. A Casa Branca se mobilizou para atenuar as reações negativas. Com isso, a demissão de Bannon foi colocada em questão. O governo poderia atribuir o racismo de Trump à presença do ex-diretor da Breitbart News como conselheiro do presidente, um homem que, com a Cambridge Analytica desenvolveu maneiras de despertar o ódio racial e que exaltava o ativismo online da Alt Right. Um apreciador da cultura racista, dos filmes de Leni Riefenstahl e dos livros de Julius Evola. No dia dos comentários de Trump sobre o incidente, Jason Jorjani deixou a Alt Right e a Arktos e, após 3 dias, Bannon renunciou. Bannon seguiu tentando pôr sua visão de mundo em prática, se encontrou com Dugin, tentou abrir escolas Tradicionalistas na Europa, mas sem sucesso (TEITELBAUM, 2021).

#### **4.7 OLAVO DE CARVALHO**

Olavo nasceu em Campinas, São Paulo, em 1947. Foi comunista na juventude, comportamento padrão dos jovens rebeldes na ditadura militar. Olavo sempre foi um dissidente, não só na política. Nos anos 60, mergulhou na alquimia e na astrologia e passou a frequentar círculos ocultistas em São Paulo. Conseguiu uma vaga de colunista na revista ocultista francesa Planète. Não era exatamente um jornalista, entrevistava extraterrestres, pessoas mortas e assim por diante. Passou a lecionar astrologia em livrarias e, mais tarde, na PUC de São Paulo. Amava o esoterismo. Em 1977, Olavo foi apresentado pela namorada a ensaios Tradicionalistas, entre os



autores, René Guénon. A coletânea de ensaios tinha sido editada por Needleman, que viria a ser mentor de Steve Bannon. Olavo ficou fascinado pelos textos e leu todos os livros de Guénon (TEITELBAUM, 2021).

Diferentemente de Steve Bannon e Aleksandr Dugin, que eram Tradicionalistas através da literatura, Olavo de Carvalho vivia a Tradição. Na juventude, após ler os livros de Guénon, decidiu praticar o Tradicionalismo. Assim, Olavo foi a uma Tariqa (escola ou ordem do sufismo islâmico, vertente que contempla e reflete sobre a religião) local em São Paulo, por indicação de um de seus alunos. A Tariqa era parteda ordem sufista internacional, chefiada por Omar Ali-Shah e seu irmão Idries, ambos muçulmanos britânicos, com origens na Índia, Escócia e Afeganistão. Em sua primeira sessão, se surpreendeu ao encontrar praticamente todos os seus alunos. Hesitantemente, ficou na sessão. Quanto mais participava, mais achava Omar um charlatão, que usava a Tariqa como um meio de enriquecer e de ganhar influência. Idries afirmava ser herdeiro de Gurdjieff, e Olavo via isso como uma estratégia para ganhar dinheiro. Querendo desistir, foi aconselhado a procurar Martin Lings, um sufi proeminente Tradicionalista. Lings liderava uma tariqa nas proximidades de Londres, enquanto era pesquisador do islamismo para o Museu Britânico. Lings era muito conhecido por sua escrita e cordialidade, assim como por suas conexões, como JohnTavener (ensaísta que discorreu sobre temas como René Guénon e Frithjof Schuon)e o Príncipe Charles. Lings convidou Olavo para um encontro em Lima, Peru. E de fato se encontraram. Lings disse a ele que a experiência dele era com falsos sufis, e recomendou que Olavo procurasse uma tariqa ligada à linhagem Tradicionalista de René Guénon. Encaminhou Olavo de Carvalho a Frithjof Schuon (TEITELBAUM, 2021).

Em Bloomington, ficou encantado com a tariqa e pensou em abrir uma filial em seu país, e para isso precisava da autorização do líder da Tariqa, o shaykh, que em Bloomington era Frithjof Schuon. Olavo teve tentativas malsucedidas de tentar falar com Schuon, que estava rodeado por seu círculo interno, controlando quem se aproximava. Olavo não tinha escalado a hierarquia para ter acesso a Schuon

(TEITELBAUM, 2021). Sentiu-se enganado novamente. O jogo político mesquinho parecia ser a regra naquela tariqa também. Logo, Schuon se comunicou com Olavo e o nomeou muqqadam (algo como expedidor, facilitador, assistente). Esse título garantia o direito de criar sua própria tariqa, “Sidi Muhammad, muqqadam da tariqa Maryamiyya do Brasil” era o título de Olavo. Embora achasse o lugar, as regras, os métodos de Schuon estranhos, ficou animado com a progressão. Não questionou muito. Era paciente, estava querendo muito cursar o caminho do esoterismo, buscando verdades ocultas que levam tempo e devoção para se revelarem (TEITELBAUM, 2021).

O esotérico, grosso modo, significa um conhecimento rejeitado, normalmente em prol da ciência e da razão. Para os Tradicionalistas, esse conhecimento não é aparente para a maioria das pessoas da sociedade ocidental contemporânea. Em contextos religiosos, pode significar uma sensação de espiritualidade, em contraste com o “exotérico” (armadilhas externas que podem acompanhar a sensação). O conhecimento rejeitado pode ser acessado por meio de igrejas ou de livros. Mas também nos códigos e rituais de uma organização clandestina. A fonte do esotérico pode ser uma pessoa que o compartilha da maneira que pode ser bem entendida. O Tradicionalismo é uma forma de esoterismo religioso. Contra a modernidade e à ciência ocidentais. Repudia a esperança da integração ao conhecimento hegemônico. Ao contrário, vai na direção do conhecimento indefinido e inexplicável (o núcleo de uma religião) (TEITELBAUM, 2021).

Olavo voltou ao Brasil e começou a organizar sua tariqa, representando o shaykh Schuon. Tinha fé que seus seguidores iriam até ele, mais uma vez. O problema era não saber muito sobre sufismo ou o funcionamento da tariqa, não existia manual sobre o assunto. Martin Lings orientou Olavo novamente. Com isso, aprendeu sobre zakat, a doação que os membros deveriam fazer para manter a tariqa com suas obrigações legais, o valor era de 2,5% da renda anual. Aprendeu também sobre o canto de shahada, o testemunho de fé muçulmano. Que era liderado pela autoridade maior presente, o muqqadam, segregando os participantes por sexo no momento do canto. A última pergunta de Olavo a Lings foi sobre como iniciar as mulheres na tariqa,

e a resposta foi: “A mulher é iniciada pelo homem durante o ato sexual – sem interferência de dispositivos contraceptivos. Não há outra forma de iniciação, exceto por esse contato” (TEITELBAUM, 2021, p129). As práticas do canto e das contribuições financeiras eram parte da prática sufista. Mas a iniciação das mulheres, era invenção de Frithjof Schuon, e foi passada para Olavo de Carvalho, que se tornaria conselheiro do presidente do Brasil, colaborando com Steve Bannon (TEITELBAUM, 2021).

Olavo acabou se estabelecendo nos Estados Unidos e, em 2009, lançou seu seminário de filosofia, uma escola online, uma maneira de aproveitar suas palestras no Brasil, agora que morava fora. Ser professor universitário não estava no seu imaginário. Pensava que a esquerda havia dominado as universidades brasileiras e que estavam preparando uma revolução comunista. Durante o governo do Partido dos Trabalhadores no Brasil, Olavo acreditava que ideias conservadoras poderiam ser introduzidas na sociedade apenas por meio de canais alternativos, metapolítica, e a internet era a ferramenta para esse processo. O seminário abordava tópicos como religião comparada, letras, artes, ciências humanas, ciências naturais, comunicação e expressão. Mais de 2000 alunos se matricularam. Em 2014, transmitia bate-papos online com vozes dissidentes do Brasil, entre elas, o então deputado Jair Bolsonaro. Os assuntos sempre eram acerca do desprezo pela mídia e pelas universidades (TEITELBAUM, 2021).

Após a eleição de Jair Bolsonaro como presidente da república no Brasil, Olavo de Carvalho teve holofotes midiáticos para si. Apontado como o cérebro por trás do governo, a imprensa e funcionários do Palácio do Planalto ligavam e visitavam Olavo na Virgínia com certa frequência. Em 2019, no começo do governo, continuou com o tom belicista e um dos alvos foi o vice-presidente Hamilton Mourão e outros militares, acusados por Olavo de tentar enfraquecer Bolsonaro. O grande temor era que os próximos do presidente estivessem cultivando relações com a China, enquanto o

presidente, em tese, trabalhava para fortalecer os laços ocidentais do Brasil. Essa divisão entre militares e olavistas (entre eles os ministros Ernesto Araújo, das relações exteriores e Ricardo Vélez, da educação, amigos de Steve Bannon) causou uma das primeiras crises do governo Bolsonaro. O vice-presidente chegou a dizer, em uma coletiva, que Olavo deveria ficar fora da política e voltar a ser astrólogo. Apesar das brigas, Olavo tinha o apoio do presidente e de parte significativa da população, que em manifestações carregava cartazes em que estava escrito “Olavo tem razão”. A conexão com públicos era real. Olavo acreditava que a população mais pobre entendia o Brasil melhor que os intelectuais, que possuíam instinto de realidade. Uma das características fundamentais desse povo era a ligação com o cristianismo, o que colocava essas pessoas no mesmo patamar dos trabalhadores rurais dos EUA, que Steve Bannon denominava como o povo que representa os EUA autênticos, o real, o cerne da nação. Pensava o mesmo da população mais pobre do Brasil (TEITELBAUM, 2021).

O “Brasil Profundo”, de Olavo de Carvalho, era o Brasil como a “América Real” em que morava. Porém, o povo rural americano foi forjado no cristianismo, enquanto o povo brasileiro se uniu em torno de uma infraestrutura militar. A confiança do Brasil Profundo estava nos militares, algo que Olavo acreditava que devesse mudar rapidamente, mas não seria possível. Outras instituições que seguia desprezando eram as universidades, local onde, segundo ele, só se fazia sexo. E se fosse proibido, os estudantes iriam chorar, se revoltar e acusar quem os impediu de opressão. Para ele, as universidades eram uma fachada, assim como o mundo contemporâneo, tudo falso, não há realidade (TEITELBAUM, 2021).

Sua crítica é voltada ao materialismo. Sexo, dinheiro, corpos, bens. Até valores abstratos como patriotismo, cultura, espiritualidade foram contaminados pelo materialismo, pela mentalidade de mercado. A idade sombria do Brasil, e Olavo, um leitor de Tradicionalistas apoiou Jair Bolsonaro, interligando alquimia, astrologia e populismo. Segundo ele, a mídia, a educação pública e o governo federal foram corrompidos por dinheiro e interesses próprios e se tornaram provedores de ignorância, graças ao investimento cego na ciência moderna e incapacidade de

valorizar a espiritualidade. Assim como Bannon, Olavo encontra conforto nas camadas mais pobres que não têm acesso à educação e ao conhecimento. Essas populações são os guardiões da espiritualidade, alcançaram um modo de vida comunitário e contexto excluído da modernidade. São realidade, cerne, núcleo social (TEITELBAUM, 2021).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa monografia discorreu sobre ciência política, especificamente sobre definições de liberalismo, conservadorismo, iluminismo, e sobre os opositores dessas ideias, os populistas e os Tradicionalistas.

É complicado pensar a união de Tradicionalismo e populismo. O primeiro é hierárquico, elitista, e é organizado por procedência. O segundo, é uma política antissistema, antielitista e revolucionária, em defesa das massas. A fusão se dá por dois motivos. O primeiro, é que foi nas massas que Steve Bannon e Olavo de Carvalho viram um público com potencial de atingir ideais elevados, que os intelectuais e políticos haviam perdido a capacidade de alcançar. O segundo motivo é estratégico.

Duas forças distintas, com objetivos diferentes, com ações parecidas, mas com efeito desejado dissemelhante. O populista quer chegar ao poder (e em alguns casos melhorar a vida das pessoas governando para elas), o Tradicionalista quer moldar o mundo com base em suas ideias. É possível inferir que a chegada da direita populista ao poder teve diversos motivos e causas. Como afirmaram Eatwell e Goodwin (2020), as populações não se sentiam mais representadas e beneficiadas pelo modelo da democracia liberal, que embora tenha garantido direitos e liberdades, tem falhado em garantir prosperidade e satisfação. O populista usa esse sentimento, prometendo voltar a beneficiar os insatisfeitos, enquanto o Tradicionalista, se opõe ideologicamente à democracia liberal, aos direitos humanos, à globalização... pois acredita que o ser humano perdeu suas conexões com as religiões, com o cerne das sociedades, com o espiritualismo e a causa dessa desconexão são os conceitos liberais e iluministas.

Alguns populistas e Tradicionalistas se consideram conservadores. Nada está mais longe da verdade. Como afirmou Burke (2014), o conservadorismo é sobre não ter revoluções, é sobre pragmatismo, construir, agregar, preservar. O populista não é pragmático, o populista promete um

sonho, esperança, acabar com políticas de longo prazo, que não estão satisfazendo à sociedade. O Tradicionalista defende o grande incêndio cíclico que vai destruir a sociedade para depois reconstruí-la. Um pensamento revolucionário, algo que Edmund Burke jamais aprovaria.

A esquerda e outros opositoristas usa o rótulo de “fascista” para os populistas e para os Tradicionalistas. Essa discussão é válida, o Tradicionalismo inspirou o fascismo intelectualmente. O fascismo era populista e nacionalista, mas também totalitário e militarista. O fascismo também era contra a modernidade, o iluminismo e o liberalismo. No nacional-populismo, essas aspirações não são encontradas. É possível dizer que o nacional-populismo, principalmente através de Vladimir Putin, Brexit e Donald Trump, colaborou com o Tradicionalismo e com os fascistas da contemporaneidade. Steve Bannon usou Donald Trump para remoldar os Estados Unidos e a Europa Ocidental retirando de suas culturas, o liberalismo, o individualismo e a globalização. Dugin incutiu valores no governo russo de que o país precisava se reposicionar, o que passava por ações que fascistas não discordariam em nada, como invadir países e subjugar seus povos.

Por fim, esse trabalho também pertence à área de comunicação e Relações Públicas. Esses temas são base das ações dos personagens citados no decorrer da monografia. Bannon e Dugin trabalharam muito para espalhar suas ideologias (eurasianismo, Tradicionalismo), através de um meio e uma mensagem, de forma segmentada para seus públicos. Dugin teve como público os radicais da Ucrânia, e também expandiu suas ideias através da Arktos, atingindo simpatizantes no mundo todo. Steve Bannon, por meio da Cambridge Analytica, mapeou seus públicos, tanto no Brexit, quanto na eleição de Trump, e enviou mensagens específicas para eles. Olavo de Carvalho, através de seus cursos e lives, transmitiu sua mensagem a diversos públicos, assim como seus livros publicados (semelhante a Arktos com Dugin). As ações de Bannon, Olavo e Dugin, no campo da comunicação, merecem atenção. A eficiência com a qual passaram sua mensagem, pode ser objeto de aprendizado.

## REFERÊNCIAS

BURKE, Edmund, **Reflexões sobre a revolução na França**. São Paulo: Edipro, 2014.

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo: A revolta contra a democracia liberal**. Rio de Janeiro: Redord. 2020.

FREEDOMHOUSE, “**Freedom in the World 2021: Singapore**”. 2021. Disponível em: <https://freedomhouse.org/country/singapore/freedom-world/2021>. Acesso em 02 jul. 2021.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

HOBHOUSE, Leonard T. **Liberalism**, 1911.<sup>[1]</sup>

HOBBS, Thomas. **O Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

MANKIW, N. Gregory. “To grade presidents on the economy, look at policies, not results”. **New York Times**, New York, 29 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/01/31/upshot/to-grade-presidents-on-the-economy-look-at-policies-not-results.html>> Acesso em: 01 jul. 2021

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: Edipro, 2018.

MERELLI, Annalisa. “Steve Bannon’s interest in a thinker who inspired fascism exposes the misogyny of the alt-right”. Quartz, 22 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://qz.com/909323/bannons-interest-for-julius-evola-unveils-the-sexism-at-the-core-of-trump/>

MERQUIOR, José Guilherme. **Liberalismo: Antigo e moderno**. São Paulo: É Realizações, 2014.

METCALF, Stephen. Neoliberalism, the Idea that swallowed the world. **The Guardian**, 18 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2017/aug/18/neoliberalism-the-idea-that-changed-the-world>> Acesso em: 01 jul. 2021



MONTESQUIEU, Charles-Louis de Secondat. **Do espírito das leis**. São Paulo: Martin Claret, 2015.

ROSE, Matthew. **A world after Liberalism: Philosophers of the radical right**. Yale University Press, 2021.

SALVI, Rafael. “ ‘Guru’ de Olavo de Carvalho, René Guénon rejeitava radicalmente a modernidade”. **Gazeta do Povo**, 13 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/guru-de-olavo-de-carvalho-rene-guenon-rejeitava-radicalmente-a-modernidade/>> Acesso em 18 jun, 2022.

SCHUON, Frithjof (2009), **Logic and transcendence**, Bloomington, IN: World Wisdom.

SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade: O retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista** - Campinas, Editora da Unicamp, 2020.

THE CONVERSATION, “**Thatcher, Pinochet and the legacy of class warfare**”. 19 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://theconversation.com/thatcher-pinochet-and-the-legacy-of-class-warfare-13342>> Acesso em: 01 jul. 2021

---

[1] O livro foi convertido do formato físico para o digital por uma comunidade de voluntários. Texto da Amazon. Livro disponibilizado gratuitamente.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)